

**Português Tapuia: um signo de resistência indígena**  
**Tapuia Portuguese: an indigenous resistance sign**

Eunice Moraes da Rocha Rodrigues<sup>1</sup>

Universidade Federal de Goiás

**Resumo:** Neste artigo, discuto sobre o reconhecimento do Português Tapuia como língua, como língua indígena e como a língua dos Tapuias. Meu objetivo é problematizar a ideologia do monolinguismo e questionar as concepções de linguagem e de estudos linguísticos que excluem da descrição das línguas as atitudes sociolinguísticas dos falantes. A base empírica da análise são as narrativas recolhidas pela antropóloga Rita Heloísa de Almeida, em 1980 e 1983, junto aos anciãos da comunidade, e publicadas em 2003, cujos arquivos de áudio me foram cedidos por Almeida. Analiso também depoimentos e narrativas dos professores Tapuia produzidas nas práticas e ações pedagógicas da licenciatura em Educação Intercultural da Universidade Federal de Goiás. A interpretação dos resultados se apoia em teorias críticas sobre a linguagem e na intelectualidade indígena do Brasil Central (RODRIGUES, 2011; BRANDÃO, 2011; VIEIRA, 2012, dentre outros) e na historiografia produzida sobre o Carretão. Os resultados mostram que a afirmação do Português Tapuia é uma forma de resistência indígena do povo Tapuia e, assim, uma forma de manutenção de seus direitos, dentre eles, suas terras.

**Palavras-chave:** Povo Indígena Tapuia. Português Indígena Tapuia. Atitude Sociolinguística.

**Abstract:** In this paper, I argue about the pronouncement of the Tapuia Portuguese as a language, as an indigenous language and as the Tapuia mother language. My goal is to disagree with monolingualism ideology and to question why language and language studies exclude the speaker's sociolinguistic attitudes from studies. This study is supported by the narratives collected by the anthropologist Rita Heloísa de Almeida, in 1980 and 1983, with community ancients, and published in 2003 (The audio files were given to me by this scholar). I also analyze oral testimonies and written narratives produced by Tapuia teachers in the practices and pedagogical actions of the course in Intercultural Education of the Federal University of Goiás. The interpretation of the results is based on critical theories about the language and indigenous intellectuality of Central Brazil (RODRIGUES, 2011; BRANDÃO, 2011; VIEIRA, 2012, and so on) and the historiography produced on the Carretão. The results show that the affirmation of the Portuguese Tapuia is a form of indigenous resistance of the Tapuia people and, thus, a sort of maintenance of their rights, among them, their lands.

**Keywords:** Tapuia indigenous people. Tapuia indigenous Portuguese. Sociolinguistic attitude.

**Recebido em 05 de novembro de 2017.**

**Aprovado em 10 de março de 2018.**

---

<sup>1</sup> Professora da educação básica na Escola Estadual Indígena Cacique José Borges; assessora na Gerência da Educação do Campo, Indígena e Quilombola da Secretaria de Educação do Estado de Goiás; mestranda no Programa de Pós-Graduação em Performances Culturais da Universidade Federal de Goiás. E-mail: [eunicetapuia@hotmail.com](mailto:eunicetapuia@hotmail.com)

## Introdução

Devido às políticas coloniais vigentes no aldeamento Carretão, no século XVIII, o Povo Tapuia passou por um processo de integração linguístico-cultural e, agora, em função disso, sua identidade indígena é constantemente contestada por indígenas e não indígenas. Para a sociedade, os Tapuias “não são índios, porque não têm nem língua nem jeito de índio”. Os Tapuias, por sua vez, defendem sua ancestralidade indígena, vinculando-a ao aldeamento Carretão, que vigorou nos séculos XVIII e XIX.

Nesse processo, a língua é o principal espaço dos conflitos e das lutas pela identidade indígena, uma necessidade para a garantia de suas terras e para a sustentabilidade de seu povo. As lutas e os conflitos que envolvem os Tapuias, desde o aldeamento, se manifestam, quase que exclusivamente, na escola, que é o campo das práticas socioculturais identificadoras dos Tapuias e a arena de disputas identitárias entre ser ou não ser indígena, entre querer ou não querer ser Tapuia. Nessa arena, insurge o Português Tapuia como a língua indígena, confirmadora da identificação indígena dos Tapuias (Rodrigues, 2011a). Se os argumentos da sociedade, para contestar a identidade indígena Tapuia, são sustentados na língua (“língua de índio”) e no fenótipo (“cara de índio”), a estratégia de resistência dos Tapuias tem sido a etnogênese e a etnolinguística, pela defesa do Português Tapuia.

São muitas as questões que se levantam diante desse embate. Para contribuir com a construção e o fortalecimento da identificação indígena no Carretão, meus objetivos, neste artigo, são discutir sobre as atitudes dos Tapuias, com relação à sua situação sociolinguística, e problematizar o *monolinguismo* em português dos Tapuias como uma estratégia política de destituição do lugar de indígena dos Tapuias; e os estudos que excluem da descrição das línguas as atitudes sociolinguísticas dos sujeitos falantes das línguas. Com essas problematizações, discuto como o reconhecimento do Português Tapuia como a língua dos Tapuias foi importante para o fortalecimento inclusive das lutas fundiárias dos Tapuias.

A base empírica para esta análise são as narrativas recolhidas pela antropóloga Rita Heloísa de Almeida, em 1980 e 1983, junto aos anciãos da comunidade, e publicadas em 2003. Os dados em áudio me foram cedidos pela antropóloga. As narrativas estão divididas em duas partes: uma, contendo “conversas com os mais velhos” da comunidade, pertencentes à família de Simeão Borges, descendente de Xavante; e, na outra, estão os

registros das conversas entre a pesquisadora, os fazendeiros e os moradores da região. Interessa-nos, neste momento, a primeira parte.

A interpretação dos fenômenos e discussão dos resultados são sustentadas no Paradigma Decolonial (Garcés, 2007; Mignolo, 2003; 2005; 2007; 2009; Quijano, 2005; 2007; 2010), na intelectualidade indígena do Brasil Central (Rodrigues, 2011; Brandão, 2011; Vieira, 2012, dentre outros) e na historiografia produzida sobre o Carretão. Esta discussão é parte de minha pesquisa do projeto extraescolar que desenvolvi para conclusão da licenciatura em Educação Intercultural na Universidade Federal de Goiás.

### 1 O modo de ser do Povo Tapuia do Carretão-Goiás

No século XVIII, as políticas de aldeamento indígena se estenderam ao Brasil Central como parte da interiorização do projeto colonial português, de modo a conciliar os interesses da Coroa, da Igreja e da sociedade em formação. No território do atual estado de Goiás foram construídos seis aldeamentos indígenas:

#### Quadro 1 - Aldeamentos indígenas em Goiás

São Francisco Xavier do Duro (ou Duro), próximo ao Ribeirão de Formiga, em 1751, para os Xakriabá. São José do Duro (ou Formiga), próximo ao anterior, criado em 1755, para os Akroá.
São José de Mossâmedes (atual cidade de Mossâmedes), em 1755, para os Akroá, os Xavante, os Karajá, os Javaé, os Carijó e os Naudez.
Nova Beira, na Ilha do Bananal, em 1775, para os Karajá e os Javaé.
Maria I, às margens do rio Fartura, em 1780, a mais ou menos 66 km da Cidade de Goiás, a então capital de Goiás, para os Kayapó do Sul.
Carretão de Pedro III, em 1788, às margens do rio Carretão, próximo a Crixás, para os Xavante.

Fonte das informações: Chaim, 1974.

O aldeamento Carretão foi o último a ser construído, em 1788, e “abrigou”, inicialmente, cerca de 3.000 Xavantes, aos quais se juntaram, posteriormente, outros povos indígenas e alguns negros. Além destes povos, habitou o Carretão uma pequena população branca e mestiça, formada por religiosos, administradores militares e colonos. A mistura étnica foi incentivada como uma forma de integrar o elemento indígena à sociedade nacional, tendo a língua portuguesa como *a língua* da administração, das funções religiosas e na instrução.

Dadas a sua formação sócio-histórica e as políticas coloniais da época, o povo Tapuia foi-se integrando à sociedade sertaneja da região e, por isso, no local, tendo como critério de classificação, o fenótipo e a língua do povo, os descendentes dos povos do

aldeamento são vistos como mestiços e denominados de *tapuio*, uma designação genérica para qualquer sertanejo do lugar, falante de português *caipira*, a variedade linguística do sertão de Goiás.

Se, por um lado, *tapuia* não é indígena, porque não fala uma língua indígena, por outro lado, também não é *branco*, por ser mestiço<sup>2</sup> e porque não fala o português “padrão”. Essa foi e é uma estratégia eficaz de desagregação da identidade indígena dos Tapuias, pois, se forem sertanejos não são indígenas e, assim, não têm direito às terras do antigo aldeamento Carretão.

Em defesa de seus direitos, um grupo de Tapuia, liderado por Simeão Borges, nos anos 1940, foi até Goiânia, capital de Goiás, para falar com o então Governador do estado, Dr. Pedro Ludovico Teixeira, a fim de denunciar a invasão de suas terras por “posseiros” e solicitar providências emergenciais para a comunidade. O resultado da audiência foi a Lei Estadual 188/1948, concedendo “duas glebas de terras a descendentes de índios Xavantes” (ALMEIDA, 2003, p. 13).

Em 1979, Dona Olímpia, “declarando-se índia Javaé”, acompanhada por parentes Tapuias, foi a Brasília para “reclamar assistência e proteção da FUNAI, até agora inexistentes” (ALMEIDA, 2003, p. 13). A FUNAI, então, enviou funcionários ao Carretão para “apurar” os fatos. Com isso, a comunidade foi declarada pelos funcionários da FUNAI como indígena, descendente de “Javaés da Ilha do Bananal e Xavantes do Mato Grosso” (ALMEIDA, 2003, p. 13). Legalmente, portanto, os Tapuias descendem dos Xavantes e dos Javaés. As narrativas orais dos anciãos Tapuias, contudo, ampliam essa descendência.

A historiografia e os estudos antropológicos, produzidos desde 1980, fundamentados nos testemunhos dos Tapuias, reconhecem-nos como herdeiros do aldeamento Carretão e descendentes de Xavante, Kayapó, Javaé, Karajá, de negros e brancos. Segundo os intelectuais Tapuias (RODRIGUES, 2011; BRANDÃO, 2011; COSTA, 2011; VIEIRA, 2012; SILVA, 2012), essa era “a composição humana do aldeamento no passado, então, esses são os nossos ancestrais” (BRANDÃO, 2008).

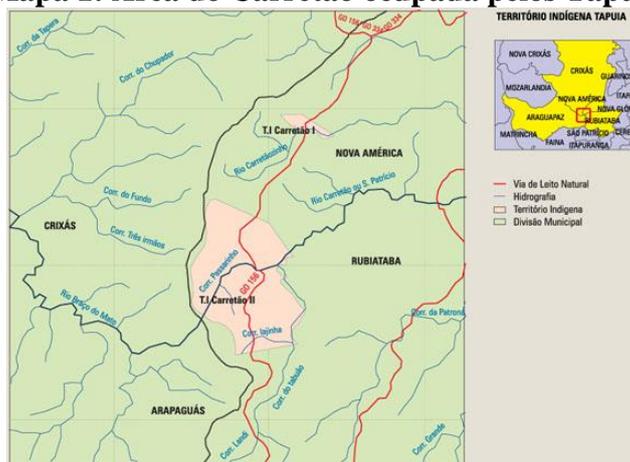
Atualmente, o Povo Tapuia, um dos três povos indígenas existentes em Goiás, vive na Terra Indígena Carretão, uma terra formada por duas glebas descontínuas: a gleba 1 está localizada nos municípios de Nova América e de Rubiataba, e a gleba 2 está em

---

<sup>2</sup> “Ah, é *tapuia*...”. Frase constantemente repetida pelos vizinhos quando algo ruim acontecia com algum Tapuia (Eunice Rodrigues).

Nova América. O Carretão situa-se no Vale do São Patrício, na mesorregião do Centro Goiano, microrregião de Ceres, entre a Serra Dourada (Tombador) e o Rio São Patrício (ou Carretão), distante 340 km de Goiânia e 380 km de Brasília. As áreas do Carretão estão demarcadas e homologadas, desde 1990, mas a gleba 2 ainda está totalmente ocupada pelos posseiros e, mesmo na gleba 1, ocupada pelos Tapuias, ainda há posseiros.

**Mapa 1: Área do Carretão ocupada pelos Tapuia**



Fonte: Chaveiro; Silva; Lima (2011, p. 40).

O Carretão conta com uma população estimada em torno de 200 pessoas (CERQUEIRA, 2011), possui escola<sup>3</sup>, com cerca de 40 alunos, distribuídos na educação infantil (turno matutino), ensino fundamental, ensino médio e educação de jovens e adultos (turno noturno). Todos os professores da escola são indígenas e apenas uma não é Tapuia, é Karajá. Nove dos professores se formaram e cinco estão em formação no curso de Educação Intercultural da UFG; uma professora cursou Pedagogia, em Rubiataba, e outra possui ensino médio completo; sete dos professores já licenciados concluíram a Especialização em Educação Intercultural: gestão pedagógica, também na UFG. Os estudantes do ensino fundamental, ensino médio e EJA trabalham o dia todo e, por isso, estudam à noite. No turno vespertino, a escola não funciona e serve a outras finalidades, tais como os projetos societários da comunidade.

Conforme já mencionado, a origem da comunidade remonta ao aldeamento Carretão, o tempo-lugar da ancestralidade Tapuia, com o qual a comunidade ainda mantém vínculo mítico-afetivo (ALMEIDA, 2003). A comunidade atual, denominada de Tapuia, no imaginário local, começa depois do refluxo do aldeamento, ainda no século

<sup>3</sup> Escola Estadual Indígena Cacique José Borges, desde 2004.

XIX, quando os administradores e os aldeados deixaram o aldeamento e voltaram para seus lugares de origem ou buscaram refúgio em outras terras; muitos morreram de doenças, restando apenas dois casais, sendo as mulheres de origem indígena e os homens de origem africana (LAZARIN, 1985; Silva, 1998; 2002; ALMEIDA, 2003; JOSÉ NETO, 2005; e MOURA, 2000; 2008).

Em seu mito de origem, o povo Tapuia se reconhece descendente de duas indígenas – Maria Raimunda, Xavante/Karajá<sup>4</sup>, e Maria do Rosário, Kayapó – que se casaram com dois negros – Manuel Felipe Aguiar e Ivo Lopes (RODRIGUES, 2011a, p. 11). A comunidade Tapuia atual é descendente dessas duas famílias. Há diferenças de modo de vida, não muito marcadas, entre os dois núcleos familiares e, em Rodrigues (2011a) mostro que, até a década de 90, ocorreram apenas três casamentos entre Xavante/Karajá e Kayapó, o mais comum eram os casamentos entre pessoas do mesmo núcleo familiar.

A educação considerada tipicamente Tapuia segue duas orientações, uma de cada núcleo familiar, principalmente, no “modo de criar os filhos”. Essas regras são observadas e ensinadas no dia a dia, sem necessariamente contar com espaços ou momentos específicos e exclusivos para tais finalidades. Apesar das diferenças intra- e interculturais, apontadas entre descendentes de Xavante/Karajá e Kayapó, a convivência entre os Tapuia no Carretão é comunitária, desde os tempos mais remotos. Eles formam uma só comunidade e são unidos no engajamento em defesa de seus direitos e no cumprimento de seus deveres.

## **2 O modo Tapuia de falar o português**

Pela data de sua fundação, o Carretão foi construído na Era Pombalina e em plena crise econômica em Goiás, devido ao esgotamento das minas auríferas. Dada a localização geográfica do Aldeamento, perto dos rios e distante das minas (RODRIGUES, 2011a), essa foi uma estratégia de sedentarização do indígena para a formação de mão de obra para as lavouras e com vistas à diluição das identidades indígenas.

---

<sup>4</sup> Almeida (2003, p. 16) declara que a comunidade era “formada por descendentes de índios Xavante, Javaé e Kayapó”.

**Quadro 2 - Situação Sociolinguística do aldeamento Carretão, no século XVIII**

POVO	LÍNGUA	FAMÍLIA	TRONCO
Akwê-Xavante <sup>5</sup>	A'uwê	Jê	Makro-Jê
Akwê-Xerente <sup>6</sup>	Akwê	Jê	Makro-Jê
Javaé	Javaé	Karajá	Makro-Jê
Karajá	Iny Rubè	Karajá	Makro-Jê
Kayapó	Mebengokre	Jê	Makro-Jê
Português	Portuguesa	Românica	Indo-Europeu

Fonte: elaboração própria da autora, com base nas informações do Instituto Socioambiental.

Devido à situação sociolinguística do Carretão e dado que, na vigência do aldeamento, as políticas linguísticas da reforma pombalina já se encontravam implementadas na Colônia, é provável que a língua usada pelos administradores e pelos aldeados no Carretão fosse somente o português. Por isso, atualmente, os Tapuias, descendentes do aldeamento Carretão, são considerados afro-indígenas *monolíngues* em português.

O *monolinguismo* Tapuia, aliado ao seu fenótipo afro-indígena, tem sido um forte argumento em favor do não reconhecimento social do povo Tapuia como indígena e, em consequência, do questionamento ao seu direito às terras do antigo aldeamento. Como estratégia de defesa e resistência, a comunidade passou a buscar formas de fortalecimento de sua identidade indígena, principalmente para a defesa e garantia do direito a suas terras; e uma das ações nessa direção foi a proposta de ensino escolar de uma língua indígena, com o objetivo de “recuperar” a identidade indígena. Diante de tal proposta, levantou-se a questão sobre qual língua indígena ensinar, visto que o aldeamento foi formado por diferentes povos indígenas. Essa questão trouxe à tona, de forma latente, a tensão entre os descendentes de Xavante e os descendentes de Kayapó. Ensinar a língua A'uwê significa priorizar os antepassados Xavantes e desprestigiar os antepassados Kayapós e vice-versa. Diante do impasse, as lideranças Tapuias retiraram a proposta.

Rodrigues (2011a) aborda a situação sociolinguística do Carretão por outra perspectiva e lança a pergunta orientadora de suas pesquisas sobre a formação do Português Tapuia: “a língua é o único fator de identificação de um povo?”, e defende que

<sup>5</sup> A autodenominação do povo Xavante é, atualmente, A'uwê. Apesar disso, mantemos aqui a denominação Akwê para registrar nas discussões históricas a concepção da época.

<sup>6</sup> Rodrigues (2011a) informa que a presença de Xerente no Aldeamento não é consensual entre os historiadores e antropólogos que estudam e pesquisam a história do Carretão. Eunice Rodrigues afirma que a possibilidade os Xerentes terem passado mais tarde pelo Aldeamento, como visitantes, deve ser considerada.

o português sempre foi a língua do aldeamento e que, por isso, o mais importante para a comunidade é assumir seu *monolingüismo* em português e valorizar, inclusive na escola, o Português Tapuia. Em seguida, é problematizado o *monolingüismo* Tapuia, de modo a fortalecer a identidade indígena dos Tapuias para, assim, garantir-lhes a posse das terras do antigo aldeamento.

Não podemos ainda afirmar, nem do ponto de vista sócio-histórico nem do ponto de vista linguístico, quais eram as línguas das práticas linguísticas, nos séculos XVIII e XIX, no Carretão e no Vale do São Patrício, pois as práticas linguísticas no estado de Goiás, nesse período, foram pouco documentadas<sup>7</sup>. Por isso, nossa discussão, nesta seção, se apoia na fala dos Tapuias, documentada por Almeida em 1980 e 1983, e na fala de Rubiataba e Nova América, constantes do acervo do Alinggo – Atlas Linguístico de Goiás, arquivado no Labolinggo – Laboratório da Língua de Goiás/Faculdade de Letras/UFG.

O único trabalho de Linguística sobre o Português Tapuia, concluído até o momento, é a dissertação de mestrado de Israel Elias Trindade, defendida em 2009, no Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da UFG. Nesse trabalho, o autor concebe o Português Tapuia como uma “variante do português brasileiro” e seleciona como objeto de análise a *monotongação*, defendendo que esta seja um traço identitário do falar Tapuia.

Além da *monotongação*, o autor apresenta uma lista de fenômenos fonológicos, considerando-os como “características do falar tapuio”: *vocalização das laterais alveolar e palatal vozeadas*, *harmonização vocálica* (alçamento das médias), *cancelamento do -r pós-vocálico em sílaba final*, *reestruturação silábica*, *assimilação de -ndo em -no em final de verbo no gerúndio*. Todos esses fenômenos, com diferentes frequências de ocorrência, são documentados no português brasileiro, urbano e rural, e são apontados como caracterizadores do *dialeto caipira* (AMARAL, 1920) e das variedades linguísticas de Goiás (TEIXEIRA, 1944; REZENDE, 2000; PÁDUA, 2002; e REZENDE, 2008).

De acordo com os resultados de Trindade (2009), no que se refere às vogais nasais, não há diferenças fonológicas entre o português brasileiro e o Português Tapuia (Quadros 3 e 4, e TRINDADE, 2009, p. 85).

---

<sup>7</sup> Em Rezende (2008), encontra-se um levantamento dos estudos realizados sobre o português de Goiás até 2008. Complementa esse levantamento informações semelhantes de Mattos (2013). Para informações históricas sobre as práticas linguísticas em Goiás, remeto o leitor a Rezende (2000) e Rezende (2008).

**Quadro 3: Vogais nasais do português brasileiro**

	anterior		central		posterior	
	arred	não-arred	arred	não-arred	arred	não-arred
alta		ĩ			ũ	
média		ẽ			õ	
baixa				ã		

Fonte: Cristóvão Silva (2005, p. 91).

**Quadro 4: Vogais nasais do Português Tapuia**

	anterior		central		posterior	
	arred	não-	arred	não-	arred	não-arred
alta		[ĩ]			[ũ]	
média		[ẽ]			[õ]	
baixa				[ã]		

Fonte: Trindade (2009, p. 85); Oliveira (2014).

Apesar das semelhanças entre português brasileiro e Português Tapuia, chama a atenção, na fala dos Tapuias, os processos de assimilação, progressiva e regressiva, e de espalhamento da nasalidade, frente às vogais do português, conforme, mostra a proposta de Cristóvão Silva (2005, p. 91), compilada no Quadro 5:

**Quadro 5: Vogais nasais tônicas do português**

Vogais Tônicas Nasais					
	Final de palavra		Meio de palavra		
[ĩ]	vim	[‘vĩ]	cinto	[‘sĩto]	
[ẽ]	(não há)		cento	[‘sêto]	
[ã]	lã	[‘lã]	santo	[‘sãto]	
[õ]	tom	[‘tõ]	conto	[‘kõto]	
[ũ]	jejum	[ʒe‘ʒũ]	assunto	[a’sũto]	

Fonte: Cristóvão Silva (2005, p. 91, destaques meus).

A autora distingue nasalização de nasalidade e considera como **nasalização** os casos em que a vogal tônica, em final e no meio de palavras, exceto por ‘ẽ’, que somente ocorre no meio de palavras, e as vogais átonas postônicas (“ím[ã]) e pretônicas (c[ã]ntora) são nasalizadas. O resultado do processo de assimilação regressiva, quando uma vogal oral é seguida de uma consoante nasal (“janela”: “j[a]nela ou j[ã]nela”), é denominado pela autora de **nasalidade**.

A variação na assimilação da nasalidade em sílabas tônicas é bem menos frequente do que em sílabas pretônicas, sendo que a assimilação da nasalidade, nas sílabas pretônicas, frequentemente, marca variação dialetal no português brasileiro. O espalhamento da nasalidade ([tõ‘mēmũ]) não é um processo esperado no português brasileiro.

No que diz respeito à fala goiana, a tendência é à assimilação da nasalidade sempre que a vogal oral é seguida de consoante nasal ([lã]ma, c[ã]mara, j[ã]nela, m[ã]nh[ã]), mas há desnasalização da vogal final de “ímã” > ím[ə]. Nas vogais pretônicas, a tendência é variável, com as mais altas frequências de assimilação da nasalidade registradas na região norte e, principalmente, na região nordeste, fronteira com Tocantins e Bahia, e as frequências mais baixas são documentadas nas regiões sul e sudeste do Estado (MILANI ET AL., 2015; TEIXEIRA, 1944).

No Português Tapuia, as vogais orais tônicas e pretônicas, seguidas de consoantes nasais, assimilam regressivamente a nasalidade da consoante: ‘lama’ [‘lãmə], ‘tomemos’ [tõ‘mēmó(s)] ou [tõ‘mēmũ] e ‘camareira’ [kama‘rerə], [kãma‘rerə], [kâma‘rerə], corroborando a descrição de Cristófaró Silva (2005, pp. 91-93). Uma particularidade encontrada nos dados (e também em dados da fala goiana em geral) é a ocorrência da média anterior não-arredonda nasal (‘ẽ’) em monossílabo tônico e em sílaba tônica no final de palavra dissílaba: “Nẽ” e *nẽnẽ*, respectivamente, contrariando a descrição de Cristófaró Silva (2005, p. 91), apresentada no quadro (5):

- 1) *Bença, ti Nẽ* (El., 26 anos, feminino)
- 2) *Só falta o tii Nẽ* (Al., 17 anos, feminino)
- 3) *Tá lá, cunversan’ mais o Nẽ* (Dv., 47 anos, masculino)

Não há realizações ditongadas desse nome nos dados, foram documentadas somente realizações de [ẽ], um resultado não esperado para o português brasileiro, de acordo com Cristófaró Silva (2005, p. 91). Via de regra, no final de palavras, ocorre a ditongação, como em ‘bem’ [‘bêi], daí a não ocorrência de ‘ẽ’, nesse ambiente.

Pode-se argumentar que *Nẽ* (1-3), por ser um apelido, um nome próprio, possui realização cristalizada pelo uso. Contra esse argumento, apresentamos a denominação genérica dos bebês que, em Goiás, o mais recorrente é *nẽnẽ*, sem ditongar, e não *nenêi*, com ditongação. Também é assim no Carretão. Palavras como *também*, *bem*, *amém* terminam em ditongo ([êi]), mas ‘nenê’ realiza-se como [nẽnẽ]. À parte as questões

teóricas, que fogem ao escopo desta discussão, o importante aqui é mostrar que, na fala Tapuia, a vogal ‘ê’ tônica ocorre também em final de palavras monossílabas e dissílabas.

Ainda com relação à assimilação da nasalidade, com o refinamento da transcrição fonética dos dados, ainda que sem o tratamento tecnológico, percebe-se na fala dos Tapuias um *espalhamento da nasalidade* ([tõ‘mēmũ]) por toda a palavra fonológica, por assimilação da nasalidade da consoante nasal. Ou seja, nesse tipo de ambiente, a fala do Tapuia soa como uma *fala toda nasalizada*.

- 4) *Andan... Andan... até dá câimbra nas perna.* (Sm., 97 anos, masculino)
- 5) *Cortan’ os cach’ de banana.* (Vm., 37 anos, feminino)

O fenômeno da *nasalidade vocálica* no Português Tapuia apresenta um uso recorrente na comunidade, que desafia a regra de ocorrência da vogal média nasal tônica, em final de palavra, no português, e o espalhamento da nasalidade por toda a palavra fonológica desafia a tendência das línguas românicas, inclusive da língua portuguesa, de desnalização histórica (CÂMARA Jr., 1985; Noll, 2008).

Outro fenômeno considerado aqui é a realização do /r/ pós-vocálico, em coda interna e externa. A posição pós-vocálica é a que mais favorece a variação do /r/ no português brasileiro e é a posição de maior frequência da variante retroflexa, principalmente, no *território histórico paulista*. No português brasileiro, há dois padrões gerais de variação do /r/ pós-vocálico: (i) em coda interna (*carta*), (*caderno*), realiza-se alguma variante de <R> e, (ii) em coda externa, as variantes de <R> concorrem com a não realização (cancelamento) do som (*comer* > *comê’*; *tambor* > *tambô’*). Aryon Rodrigues, ao discorrer sobre a *consoante vibrante alveolar r* no Tupi e no Tupinambá, declara que

em posição final, o tupinambá tinha o ‘vibrante’ simples (p. ex., *ajúr*, ‘eu vim’, *ere’ár*, ‘você caiu’, mas o tupi e a LGP tinham ‘zero’ (ausência de som) nessa posição (*ajú* ‘eu vim’, *ere’á* ‘você caiu’), logo, é possível que a situação do tupi e da LGP se correlacione com a de algumas variedades do português nas áreas em que este conviveu com aquelas línguas (p. ex., *parar* [pa’rar] > [pa’ra]. Entretanto, é claro que a ausência do *r* final nas regiões em que se falava o tupinambá não se pode explicar pelo contato com essa língua. (RODRIGUES, 2010, p. 45)

O autor não menciona a existência do ‘r’ *retroflexo* na Língua Geral Paulista (LGP), permitindo inferir que a LGP não realizava o som retroflexo de /r/, reforçando que este som é uma característica marcante do *dialeto caipira* (AMARAL, 1920; CÂMARA

Jr., 1979; MELO, 1946) e das variedades rurais e sertanejas dos “tapuios” (índio assimilado ou ladino)<sup>8</sup>.

De acordo com Rezende (2013), na fala goiana, o /r/ pós-vocálico, em coda externa, tende a ser cancelado, nas variedades rurais e urbanas. Em coda interna, via de regra, predomina a *variante retroflexa*. Todavia, na fala quilombola descrita (REZENDE, 2000; 2008; 2013), a frequência de ocorrência da variante retroflexa é baixa e o perfil social dos falantes que mais usam a retroflexa nos dados sugere que esta variante pode estar entrando na comunidade, indo da cidade para a área quilombola de Goiás.

No Português Tapuia, a frequência de ocorrência do *r retroflexo*, em torno dos 5%, é considerada baixa para Goiás (REZENDE, 2013) e é mais baixa do que em Rubiataba e em Nova América (SOUZA, 2014). Esse resultado diferencia o Português Tapuia das variedades sertanejas e caipiras de Goiás e, dada a formação etnocultural e linguística da comunidade, pode ser explicado tanto pelo padrão documentado na fala quilombola de Goiás quanto pelo padrão fonético da LGP.

No que concerne ao léxico, as professoras Tapuias Eunice Rodrigues e Adriana Silva fizeram um levantamento de palavras que “os de fora” reconhecem como próprias do falar Tapuia e de difícil entendimento para quem não é nem convive com os Tapuias. O levantamento foi feito por meio de entrevistas com os mais velhos da comunidade e nas narrativas orais coletadas pela professora Tapuia Silma Costa (2011). Por fim, realizaram entrevistas com os mais velhos da comunidade para certificar o significado de cada palavra inventariada. O resultado do inventário lexical foi o Glossário Tapuia, organizado por Adriana Silva, publicado no corpo de seu Trabalho de Conclusão de Curso na licenciatura em Educação Intercultural da UFG, concluído e apresentado em 2012.

Conforme exposto anteriormente, os casamentos entre Xavante/Karajá e Kayapó são recentes na comunidade (RODRIGUES, 2011a) e, segundo as professoras Tapuias Eunice Rodrigues (2011) e Adriana Silva (2012), essas uniões matrimoniais vêm elucidando e realçando as diferenças entre os dois grupos familiares, sem necessariamente gerar conflitos na comunidade. Com a maior frequência de casamentos entre os dois grupos, os Tapuias começaram a perceber que um tronco emprega algumas palavras que

---

<sup>8</sup> Em Cohen; Mendes (2011, p. 240), a hipótese aventada para a origem da variante retroflexa no português brasileiro encaixa a emergência deste som na mudança dos róticos nas línguas românicas, concluindo que “tanto o /r/ quanto o o /l/ pós-vocálico podem sofrer retroflexão e se fundir neste processo neutralizando a diferença l/r em favor da variante retroflexa.

o outro tronco desconhece ou, simplesmente, não usa porque não faz parte de seu repertório sociolinguístico.

As autoras afirmam ainda que a maior parte do léxico Tapuia é de origem europeia (46%) e outra grande parte é de origem indígena (36%). A participação africana na formação do léxico Tapuia é mínima (vide Tabela 1 – Origens do Léxico Tapuia).

**Tabela 1: Origens do léxico Tapuia**

ORIGEM	OCORRÊNCIAS	%
EUROPEIA	64	46
INDÍGENA	50	36
AFRICANA	6	4
OUTRAS	20	14
<b>TOTAL</b>	<b>140</b>	<b>100</b>

Fonte: SILVA (2012, P. 21)

A Tabela 1 mostra que, dentre as palavras de origem indígena, destacam-se as de origem Tupi, com um percentual significativo, revelando a importante e já conhecida participação das línguas gerais de base Tupi na constituição do léxico brasileiro e também, de forma particular, nos léxicos goiano e Tapuia. O Tupi (seja a LGP, o Tupinambá ou Tupi Antigo) é uma das línguas constituidoras do português brasileiro, em geral, e no Carretão, as palavras de origem Tupi são usadas por todas as famílias, tanto as descendentes de Kayapó quanto as descendentes de Xavante/Karajá.

No Quadro 6, são apresentados alguns itens lexicais retirados do Glossário Tapuia, organizado por Silva (2012).

**Quadro 6: Léxico Tapuia**

Item lexical	Sentido na comunidade Tapuia
Cafuá	Cabelo muito <i>desgandaido</i> e volumoso
Choconõ	Tipo de cesta feita de folha do buriti
Croá	Tipo de planta comestível
Coã	Tipo de pássaro
Garapiá	Planta utilizada para fumar, espécie de tabaco
Jiboia	Utensílio usado na fabricação de farinha.
Moca	Café
Parõ	Chefe
Timbó	Tipo de planta

Fonte: Rodrigues (2011a, pp. 14 e 15); Silva (2012, pp. 19-27).

Evidencia-se na fonologia, na gramática e no léxico do Português Tapuia, em maior ou menor grau, seu pertencimento indígena, mostrando que as línguas formadoras, do tempo do aldeamento Carretão, estão ainda “mocoçadas” (escondidas) nas práticas sociolinguísticas em português dos Tapuias. As tentativas de aproximar o português dos Tapuias do português brasileiro (dialeto caipira, português sertanejo, português popular etc.) pode nos conduzir ao outro questionamento: não seria essa aproximação uma evidência da indianização do português brasileiro? Não é o Tapuia que não é indígena, talvez seja o brasileiro que seja mais indígena do que quer admitir.

### 3 Sobre o *monolinguismo* Tapuia

A luta fundiária dos Tapuias é constante e intensa, desde o século XIX, promovendo conflitos na região e transformações substanciais na vida da comunidade. Graças à sua incansável luta em defesa do território, os Tapuias estão conseguindo a reapropriação de suas terras e o desenvolvimento de meios de sustentabilidade para seu povo, no que diz respeito à subsistência e à preservação do meio ambiente, da cultura, da educação e da língua.

Conforme já mencionado, nos embates identitários entre os Tapuias e a sociedade não indígena, sobretudo a mais próxima ao Carretão, o argumento apoiado no *monolinguismo* e no fenótipo *afro-indígena* do Tapuia são os principais instrumentos empregados pelos posseiros para destituir a identidade indígena dos Tapuias. O argumento dos posseiros reflete o imaginário social brasileiro orientado pelo ideal de “pureza” (de raça, de sangue e de língua), com base em uma visão essencializada de mundo, que promove, cotidianamente, distinções sociais para garantir a manutenção de um estado de coisas, conveniente e vantajoso para alguns, inconveniente e desvantajoso para outros. Esse ideal se manifesta nas avaliações sociais das culturas, das línguas, dos fenótipos, dos comportamentos e se posiciona contra toda forma de mistura, entendida como “bastardia”, símbolo da impureza, conforme evidencia os excertos 6-8, de Almeida (2003).

- 6) CD: O velho Simão, por exemplo, que era o Tapuio mais velho aí, ele contava história de índio, quer dizer, eu não sei, *ele mesmo não chegou a ser assim puro, índio, eu ouvi falar que a avó é que é*. Então isso aí tão muito longe. A descendência deles está muito longe. *Por acaso, encontra um deles com parência dos índios*. Os Tapuios são gente assim que sempre criou aí, que não viaja. (ALMEIDA, 2003, p. 248, destaques meus)

- 7) C: [...] Mas não são índios mais não. Não falam outra língua não. Só a nossa. Não conhece outro sistema de vida a não ser do ser goiano, do homem do campo, não tem nada de índio. Mas eu acho que devia acabar com o problema do índio. (ALMEIDA, 2003, p. 262, destaques meus)
- 8) C: Chamar aqueles lá de Tapuia é o mesmo que chamar urubu de passarinho [dá uma gargalhada]. Aquela lá é uma balela, falar que aquilo lá é índio. Pode ser, há muitos anos foram índios, *que índio é esse que não tem língua? Pergunta lá qual a língua você fala:*
- Falo é português
  - Seu avô falava alguma língua?
  - Não.
  - Seu tio falava? Seu bisavô?
  - Não.

Então que índio é esse? Não são índios, mestiços, casa fora. (ALMEIDA, 2003, p. 368, destaques meus)

A etnogênese do povo Tapuia, na arena de lutas fundiárias em que se encontram, há muitas décadas, é uma resposta a esse ideal de pureza. Contra o “ideal de raça pura”, exigido pela sociedade e, principalmente, pelos posseiros do Vale do São Patrício, os Tapuias passaram a defender o respeito ao seu *fenótipo afro-indígena*, que, ao contrário do que argumentam os posseiros, é a maior confirmação da história de pertencimento do povo Tapuia ao aldeamento Carretão (cf. Quadro 2), atestada pela historiografia, uma vez que toda essa mistura foi promovida no aldeamento. Ademais, “afinal, de contas, o que é ser índio hoje em dia?”<sup>9</sup>

Entendendo que as identidades estão em constante estado de fluxo (RAJAGOPALAN, 1998) e que as manifestações e construções identitárias acontecem também na linguagem, entendemos que a etnogênese do Tapuia está ancorada e inserida na mudança de atitude da comunidade em relação à sua identidade e à sua situação sociolinguística e etnocultural. As atitudes sociolinguísticas são reelaboradas, por meio, principalmente, da aceitação do ser Tapuia e do Português Tapuia como sua língua indígena.

Assim, contra o ideal de língua única, pura e correta, expresso na concepção de *monolinguismo*, que os situa socialmente, os Tapuia defendem a existência do Português Tapuia como sua língua materna. A sociohistória de formação da comunidade e a constituição etnocultural do léxico Tapuia (RODRIGUES, 2011a; SILVA, 2012) evidenciam uma memória da diversidade, legitimando o Português Tapuia como *a língua*

---

<sup>9</sup> Wellington Vieira Brandão, Vice-Cacique dos Tapuia e professor na escola indígena do Carretão, durante a apresentação de seu TCC, em novembro de 2011 (constante do acervo do banco de documentação do curso de Educação Intercultural da UFG).

dos Tapuias. A memória da diversidade, por si só, é um forte argumento contrário ao pressuposto *monolinguismo* Tapuia.

O Português Tapuia é a expressão do sentimento de pertencimento ao ser indígena e ao ser Tapuia no Carretão. Para além de fonemas, morfemas, monemas, sememas, sintagmas, frases e orações, as línguas têm palavras que constroem sentidos, que contam histórias armazenadas, mantidas em silêncio e em segredo, em nome da sobrevivência do povo. A língua de um povo é muito mais que gramática e léxico, é sentimento, é vínculo com o passado, com a realidade e com a irrealidade. Ao reconhecer o Português Tapuia como sua língua indígena, os Tapuias se reconhecem e se assumem, ao mesmo tempo, indígenas e Tapuias. Há uma visível mudança de atitude sociolinguística na comunidade, com relação a ser e a se reconhecer falante de Português Tapuia e com relação a ser Tapuia e, assim, ser indígena. O processo de autoaceitação é o próprio processo de etnogênese e vice-versa.

Em uma comunidade que se reinventa e se restaura a todo instante para conseguir sobreviver às demandas externas sem negar nem diminuir as demandas internas, as atitudes sociolinguísticas do povo em relação a si mesmo, à sua língua e à sua identidade, têm de fazer parte da pauta de estudos do povo e de suas práticas linguísticas e socioculturais, pois

não se separam [...] o nível do objeto em si do metanível de suas condições de produção e de recepção, uma vez que o valor social da língua é parte intrínseca e constituidora da própria língua. (SIGNORINI, 2006, p. 183)

Sendo o Português Tapuia concebido como um espaço e um instrumento de lutas políticas e socioculturais da comunidade, a expressão da resistência do povo Tapuia, é natural que nela também resistam as inscrições das lutas históricas desse povo. Todas essas lutas foram e são geradoras de atitudes sociolinguísticas e socioidentitárias, que se movem no tempo e no espaço, num movimento constante e em práticas e ações cotidianas conflituosas de negociação (BOURDIEU, 2007). Nesse movimento, ora, e ao mesmo tempo, se é ‘tapuio’, o sertanejo mestiço integrado, ora, e ao mesmo tempo, se é e se quer ser ‘Tapuia’, povo indígena, portador e constituído de línguas, culturas e identidades fluidas, semoventes, num processo de simbiose contínuo e constante.

Na comunidade Tapuia do Carretão, superar o *monolinguismo*, mais social que linguístico, por meio da defesa da memória da diversidade e da existência de fragmentos das línguas indígenas ancestrais, presentes em suas práticas linguísticas, é uma forma de

resistência e representa a superação das lutas fundiárias e do reconhecimento de sua identidade indígena legítima, ainda que “bastarda” aos olhos da população “de fora” da comunidade. Em resumo, o reconhecimento do Português Tapuia como língua, como língua indígena e como a língua materna dos Tapuias, “não é uma questão gramatical, é uma questão política” (MIGNOLO, 2003, p. 317), de difícil aceitação social e, mais ainda, acadêmica.

### **Considerações Finais**

Ficou evidente nas narrativas estudadas que a defesa do monolinguismo dos Tapuias, pelos fazendeiros e pelos posseiros, é uma estratégia de destituição da identidade indígena dos Tapuias para levar à destituição de seus direitos como indígenas e de seus direitos às terras do aldeamento Carretão. Assim, a língua, nesse contexto, é ambivalente, é um instrumento de destituição dos direitos dos Tapuias e, da mesma forma, passa a ser um instrumento de luta, nos conflitos fundiários, a partir do momento em que os Tapuias modificam seu sentimento em relação a sua língua e a sua identidade.

A principal evidência contra o *monolinguismo* Tapuia são a memória da diversidade linguístico-cultural da comunidade e suas atitudes em relação à sua situação sociolinguística. Sentir-se Tapuia é reconhecer-se, dentre outras coisas, falante de Português Tapuia e reconhecer e aceitar que suas práticas sociolinguísticas são identificadoras do ser Tapuia e representam o vínculo com sua ancestralidade indígena.

Os resultados dos estudos sobre o Português Tapuia provocam uma importante reflexão acerca dos pressupostos sobre o apagamento linguístico, mais especificamente sobre o apagamento das línguas ancestrais dos Tapuias. Apesar de todas as políticas de apagamento das línguas minorizadas e de todas as ações em favor da unificação linguística em torno de normas herdadas da língua portuguesa, ao longo da história linguística do Brasil, a resistência da(s) língua(s) ancestral(is) está evidenciada na fonologia e no léxico do Português Tapuia. É nesse sentido que o Português Tapuia é uma forma de resistência indígena do povo Tapuia do Carretão.

Neste este artigo, discuti sobre a afirmação do Português Tapuia como a língua dos Tapuias do Carretão, em defesa de sua identidade indígena e, assim, em defesa de suas terras. Para o reconhecimento do Português Tapuia como língua, como língua indígena e como a língua indígena dos Tapuias foram necessários o enfrentamento do *monolinguismo* em português dos Tapuias e o enfrentamento da cultura acadêmica dos

estudos que excluem da descrição das línguas as atitudes sociolinguísticas dos sujeitos falantes das línguas. E para que tudo isso fosse possível, foi necessário que nós indígenas Tapuia entrássemos para a universidade e, do nosso lugar de existência, déssemos vazão à nossa voz em nossa língua. Foi necessário mostrar a existência do Português Tapuia na universidade, em um espaço político de poder, com inscrição em trabalho e na escrita acadêmica, no idioma oficial da nação, outro espaço de poder, para que ele tivesse, de fato, existência como língua e como língua indígena.

## Referências

ALINGGO. *Acervo Áudio-Visual da Língua Falada em Goiás*. Disponível em: <<http://www.labolinggo.letas.ufg.br/pages/64227-alingo>>. Acesso em: 20 jul. 2014.

ALMEIDA, Rita Heloísa de. (org.). 2003. *Aldeamento do Carretão segundo seus herdeiros Tapuios* – conversas gravadas em 1980 e 1983. Brasília: FUNAI/DEDOC.

AMARAL, Amadeu. 1920. *O dialeto caipira*. São Paulo: Casa Editora O livro.

BESSA FREIRE, José Ribamar; ROSA, Maria Carlota. (eds.). 2003. *Línguas Gerais* – políticas linguísticas e catequese na América do Sul no Período Colonial. Rio de Janeiro: UERJ.

BRANDÃO, Welington Vieira. 2011. Adornos corporais, pintura corporal e a dança tradicional Tapuia. Trabalho de Conclusão de Curso, Educação Intercultural/Núcleo Takinahakỹ, Universidade Federal de Goiás.

CÂMARA JUNIOR, J. M. 1985. *História e estrutura da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Padrão.

CÂMARA JUNIOR, J. M. 1979. *Introdução às línguas indígenas brasileiras*. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico.

CERQUEIRA, Ádria Borges Figueira. 2011. A memória coletiva Tapuia na retomada do território: os limites da terra indígena e suas implicações. *Anais do XXVI Simpósio Nacional de História* – ANPUH. p. 1-17. Disponível em:

<<http://www.snh2011.anpuh.org>>. Acesso em: 10 jul. 2014.

CHAIM, Marivone Matos. 1974. *Os Aldeamentos Indígenas na Capitania de Goiás: sua importância na política de povoamento (1749-1811)*. Goiânia: Edição do Departamento Estadual de Cultura/Editora Oriente.

CHAVEIRO, Eguimar Felício; SILVA, Lorrane Gomes da; LIMA, Sélvia Carneiro de. 2011. O cerrado na perspectiva dos povos indígenas de Goiás: a arte de vida do povo Tapuia do Carretão-GO. *Revista Ciência e Cultura* 63, 3: 39-41. Disponível em: <<http://cienciaecultura.bvs.br>>. Acesso em: 5 jul. 2013.

COSTA, Silma Aparecida da Silva. 2011. Narrativas Tradicionais Tapuia. Trabalho de Conclusão de Curso, Educação Intercultural/Núcleo Takinahakỹ, Universidade Federal de Goiás.

COSTA; Consuelo de Paiva Godinho; BORGES, Jadson de Carvalho. 2012. Revitalização da língua Tupinambá na comunidade de Olivença, BA: a convenção ortográfica das vogais. *Anais do II SELED*, 1: 1-5. Vitória da Conquista-BA: UESB.

CRISTÓFARO SILVA, Thaís. 2005. *Fonética e Fonologia do Português - Roteiro de Estudos e Guia de Exercícios*. São Paulo: Editora Contexto.

JOSÉ NETO, Joaquim. 2005. *Jovens Tapiuos do Carretão: processos educativos de reconstrução de identidade indígena*. Goiânia: UCG.

LAZARIN, Rita Heloisa de Almeida. 1985. O aldeamento do Carretão: Duas Histórias. Dissertação de Mestrado, Universidade de Brasília.

LIMA, Maria Aparecida Ferraz de. 2012. As atitudes linguísticas dos Tapuia em relação ao seu monolinguismo em português. Trabalho de Conclusão de Curso, Educação Intercultural/ Núcleo Takinahakỹ, Universidade Federal de Goiás.

LIMA, Cândido Borges Ferras de. 2013. Plantas medicinais do Território Tapuia. Trabalho de Conclusão de Curso, Educação Intercultural/Núcleo Takinahakỹ, Universidade Federal de Goiás.

MELO, Gladstone Chaves de. 1946. *A língua do Brasil*. Rio de Janeiro: Agir.

MOURA, Marlene Castro Ossami de. 2008. *Os Tapuios do Carretão* – etnogênese de um grupo indígena do Estado de Goiás. Goiânia: UCG.

MOURA, Marlene Castro Ossami de. 2000. *Os Tapuios do Carretão: nossa história, nossa vida*. Goiânia: Gráfica e Editora Bandeirantes.

NOLL, Volker. 2008. *O português brasileiro* – formação e contrastes. (Trad. Mário Eduardo Viaro). São Paulo: Globo.

NOLL, Volker; DIETRICH, Wolf. 2010. *O português e o Tupi no Brasil*. São Paulo: Contexto.

OLIVEIRA, Gyovanna Milhomem de. 2014. Análise contrastiva dos sistemas fonológicos Tapuia e Xavante. Plano de Trabalho de Iniciação Científica, Universidade Federal de Goiás (em andamento).

PÁDUA, Hosamis Ramos de. 2002. *Linguística e História em Acaba Vida*. Brasília: Ministério da Integração Nacional/Universidade Federal de Goiás.

REPÚBLICA DOS ESTADOS UNIDOS DO BRASIL. Lei de nº 188 de 19 de Outubro de 1948. Diário Oficial: Estado de Goyaz, 1948.

REZENDE SANTOS, Tânia Ferreira. 2008. A mudança adjetivo/nome > nome/adjetivo e o conservadorismo da fala rural goiana. Tese de Doutorado, Universidade Federal de Minas Gerais.

REZENDE, Tânia Ferreira. 2013. Tendências à padronização da realização fonética do /r/ em Goiás. In: CARDOSO, C. R. *et al.* (eds.). *Variação linguística, contato de línguas e educação: contribuições do III Encontro do Grupo de Estudos Avançados em Sociolinguística da Universidade de Brasília*, 1-16. São Paulo: Pontes.

REZENDE, Tânia Ferreira. (no prelo). *Políticas de nomeação sustentadoras das práticas identitárias indígenas dos Tapuia de Goiás*.

RODRIGUES, Aryon Dall’Igna. 2002. *Línguas Brasileiras – para o conhecimento das línguas indígenas*. São Paulo: Edições Loyola.

RODRIGUES, Eunice da Rocha Moraes. 2011a. Processo sócio-histórico de formação do Português Tapuia. Trabalho de Conclusão de Curso, Educação Intercultural/Núcleo Takinahakỹ, Universidade Federal de Goiás.

RODRIGUES, Eunice da Rocha Moraes. 2011b. Relatório Final de Estágio Pedagógico, Educação Intercultural/Núcleo Takinahakỹ, Universidade Federal de Goiás,

SANTOS, Ana Cristina Kawinan dos; AGUIAR, Aparecido Caetano de; JESUS, Márcio José de. 2011. As nascentes da Terra Indígena Tapuia – importância e preservação. Trabalho de Conclusão de Curso, Educação Intercultural/Núcleo Takinahakỹ, Universidade Federal de Goiás,

SILVA, Adriana do Rosário. 2012. Constituição Étnico-cultural do Léxico Tapuia. Trabalho de Conclusão de Curso, Educação Intercultural/Núcleo Takinahakỹ, Universidade Federal de Goiás.

SILVA, Cristhian Teófilo da. “Parado, bobos, murchos e tristes” ou “caçadores de onça”? Estudo sobre a situação histórica e a identificação étnica dos tapuios do Carretão (GO). 1998. Monografia de Graduação, Universidade de Brasília.

SILVA, Cristhian Teófilo da. *Borges, Belino e Bento: a fala ritual entre os tapuios de Goiás*. 2002. São Paulo: Annablume.

SOUZA, Beatriz Silva. 2014. Realização fonética do R na fala rubiatabense. Relatório Final de Pivic, Universidade Federal de Goiás.

SOUZA, Naiara Cristina Santos de. 2014. A realização das vogais médias pretônicas na fala rubiatabense. Relatório Final de Pivic, Universidade Federal de Goiás.

TEIXEIRA, J. A. *Estudos de dialetologia portuguesa – linguagem de Goiás*. 1944. São Paulo: Anchieta-SA.